

COLEÇÃO
UNIVERSITAS

- 1 *A Representação do Espaço em Saramago – Da negatividade à utopia*
Horácio Ruivo | 2017
- 2 *Literatura & Sociedade na pluralidade lusófona*
Organização: Annabela Rita, Dirlenvalder Loyolla,
Fabio Mario da Silva e Cátia Canêdo | 2018
- 3 *No Fundo dos Espelhos – A Visita*
Annabela Rita | 2018
- 4 *Antero de Quental: um patriotismo prospectivo no porvir de Portugal*
Brasilino Godinho | 2018
- 5 *Perfis & Molduras no cânone literário*
Annabela Rita | 2019
- 6 *A Minha Outra Pátria é a Latina*
Fernando Cristóvão | 2019
- 7 *Sfumato. Figurações in hoc signo – Na senda da identidade nacional*
Annabela Rita | 2019
- 8 *Estudos Luso-Italianos – Literatura e Cultura*
Luísa Antunes Paolinelli | 2020

COLEÇÃO
UNIVERSITAS

Qual o objetivo primordial deste livro, que, na editora Edições Esgotadas, inaugura a Subcoleção “Figurações Literárias”? Ajudar os leitores a irem ao encontro das oportunidades que a Literatura lhes oferece. São essas oportunidades que, quando propiciadas pela leitura do texto literário (suportando-se esta em firme terreno metaliterário), ajudam a perceber a *figuração*, a *prefiguração*, a *(re)configuração* do leitor num contínuo acrescentamento de sentidos. Procuraram-no diversamente os professores e investigadores que colaboraram neste livro, percorrendo criticamente GRACILIANO RAMOS, MACHADO DE ASSIS, CAMILO CASTELO BRANCO, ZÉLIA GATTAI, a GERAÇÃO DE ORPHEU, HERBERTO HELDER, MADALENA DE CASTRO CAMPOS, CLÁUDIA LUCAS CHÉU, JULIÁN FUKS, NATÁLIA CORREIA, MIGUEL TORGA, EÇA DE QUEIRÓS e MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO. Que os presentes contributos e colaborações motivem linhas de trabalho e de leitura, mas, sobretudo, que conduzam os leitores aos polifónicos momentos de abertura com que a Literatura a todos nos desafia, de acordo com o preceito de Jorge Luis Borges, quando repetidamente defendia que somos ricos “mais em perplexidades do que em certezas” e que a Literatura nos deve ajudar a fornecer “algumas certezas”.

Dionísio Vila Maior (Org.)



EDIÇÕES ESGOTADAS



FIGURAÇÕES DO LITERÁRIO I ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS

9

EDIÇÕES ESGOTADAS

COLEÇÃO
UNIVERSITAS

Org.
DIONÍSIO VILA MAIOR

FIGURAÇÕES DO LITERÁRIO I

ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS

BENJAMIN ABDALA JÚNIOR (da Universidade de São Paulo [Brasil]); **GUIA BONI** (Università degli Studi di Napoli “L’Orientale” [Itália]); **MARIA APARECIDA FONTES** (Università degli Studi di Padova [Itália]); **BARBARA GORI** (Università degli Studi di Padova [Itália]); **LILIAN JACOTO** (Universidade de São Paulo [Brasil]); **LUÍS MAFFEI** (Universidade Federal Fluminense / Pesquisador do CNPq [Brasil]); **FABIOLA PADILHA** (Universidade Federal do Espírito Santo [Brasil]); **MARIA DA GRAÇA GOMES DE PINA** (Università degli Studi di Napoli “L’Orientale” [Itália]); **ISABEL PONCE DE LEÃO** (Universidade Fernando Pessoa [Portugal]); **ANNABELA RITA** (Universidade de Lisboa/CLEPUL [Portugal]); **DIONÍSIO VILA MAIOR** (Universidade Aberta/CLEPUL [Portugal]): em tempos perversos e impiedosos, mas de reconstrução da esperança, onze professores e investigadores universitários portugueses, brasileiros e italianos consolidam leituras do texto literário, procurando orientá-las com rigorosa atitude crítica e colocando de lado equacionamentos de recorte idealista, impressionista e psicologista. É essa atitude crítica que, sem a insolvência do monologismo crítico a que uma clausura exclusivamente estrutural também poderia conduzir, este livro e esta subcoleção (“Figurações do Literário”) pretendem cimentar.

EDIÇÕES ESGOTADAS

FIGURAÇÕES DO LITERÁRIO I

ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS

BENJAMIN ABDALA JÚNIOR (da Universidade de São Paulo [Brasil]); **GUIA BONI** (Università degli Studi di Napoli “L’Orientale” [Itália]); **MARIA APARECIDA FONTES** (Università degli Studi di Padova [Itália]); **BARBARA GORI** (Università degli Studi di Padova [Itália]); **LILIAN JACOTO** (Universidade de São Paulo [Brasil]); **LUÍS MAFFEI** (Universidade Federal Fluminense / Pesquisador do CNPq [Brasil]); **FABÍOLA PADILHA** (Universidade Federal do Espírito Santo [Brasil]); **MARIA DA GRAÇA GOMES DE PINA** (Università degli Studi di Napoli “L’Orientale” [Itália]); **ISABEL PONCE DE LEÃO** (Universidade Fernando Pessoa [Portugal]); **ANNABELA RITA** (Universidade de Lisboa/CLEPUL [Portugal]); **DIONÍSIO VILA MAIOR** (Universidade Aberta/CLEPUL [Portugal]): em tempos perversos e impiedosos, mas de reconstrução da esperança, onze professores e investigadores universitários portugueses, brasileiros e italianos consolidam leituras do texto literário, procurando orientá-las com rigorosa atitude crítica e colocando de lado equacionamentos de recorte idealista, impressionista e psicologista. É essa atitude crítica que, sem a insolência do monologismo crítico a que uma clausura exclusivamente estrutural também poderia conduzir, este livro e esta subcoleção (“Figurações do Literário”) pretendem cimentar.

1.ª edição | março, 2020

 EDIÇÕES ESGOTADAS

Lisboa | Porto | Viseu | Aveiro

© 2020

Direitos reservados para Edições Esgotadas, Lda.
e CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias

www.edicoesesgotadas.com
geral@edicoesesgotadas.com

Título: Figurações do Literário I – Estudos Luso-Brasileiros

Organização: © Dionísio Vila Maior

Arte da capa: © Vilas

Coleção: Universitas | n.º 9

Direção: Dionísio Vila Maior e Annabela Rita

Revisão de Texto: Ana Maria Oliveira | Edições Esgotadas, Lda.

ISBN: 978-989-9015-10-4

Orcid: 0000-0001-9611-7390

Depósito Legal: 469011/20

Impressão e Acabamento: Tipografia Beira Alta, Lda.

Execução Gráfica: Edições Esgotadas, Lda.

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Instituto de estudos de
Humanidades de Lisboa

 **fflch**
FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP


ABERTA
www.uab.pt



Núcleo de Estudos de Literatura
**PORTUGUESA
E AFRICANA**


PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Org.
DIONÍSIO VILA MAIOR

FIGURAÇÕES DO LITERÁRIO I

**ESTUDOS
LUSO-BRASILEIROS**

ÍNDICE

COLABORADORES	7
PREFÁCIO	15
DIONÍSIO VILA MAIOR	
GRACILIANO, LEITOR DE MACHADO	19
BENJAMIN ABDALA JÚNIOR	
“TRANSFIGURAÇÕES” DO LITERÁRIO: CAMILO INTÉRPRETE DA <i>HISTOIRE</i> DE GABRIEL MALAGRIDA	33
GUIA M. BONI	
“NEM DEUS, NEM PÁTRIA, NEM PATRÃO”: FIGURAÇÕES DA CIDADE NOS RELATOS SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL	49
MARIA APARECIDA FONTES	
DEFINIR FIGURAÇÕES INDEFINÍVEIS: O SIMBOLISMO DO AZUL E DO LÉXICO CROMÁTICO NAS OBRAS POÉTICAS DE ORPHEU	85
BARBARA GORI	
HERBERTO HELDER: A POESIA COMO FORÇA INTEMPESTIVA	101
LILIAN JACOTO	
LÍNGUA ESTRANGEIRA NA BOCA SEM LÍNGUA: EM CORPO A CORPO, MADALENA DE CASTRO CAMPOS E CLÁUDIA LUCAS CHÉU	115
LUIS MAFFEI	
IDENTIDADE, MEMÓRIA E EXÍLIO EM <i>A RESISTÊNCIA</i>, DE JULIÁN FUKS	131
FABÍOLA PADILHA	
QUANDO A ARTE TEATRAL SE TRANSFORMA EM VIDA	145
MARIA DA GRAÇA GOMES DE PINA	
PARATEXTOS TORGUIANOS: O RIGOR PERSUASIVO	163
ISABEL PONCE DE LEÃO	
FIÇÇÕES QUEIROSIANAS	173
ANNABELA RITA	
MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO: O <i>LOCUS</i> SUBJETIVO, A PROFICIÊNCIA ALTERONÍMICA E A PRESENÇA DO IMPERECÍVEL	199
DIONÍSIO VILA MAIOR	

COLABORADORES

BENJAMIN ABDALA JÚNIOR

Professor titular da FFLCH da Universidade de São Paulo. Pesquisador 1 A do CNPq, foi coordenador da área de Letras e Linguística da CAPES; ex-representante das áreas de Humanas no Conselho Técnico-Científico dessa agência do MEC. Ex-presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada, foi por duas gestões representante dessa área do conhecimento no CNPq. Membro do Conselho Editorial de várias revistas científicas, foi diretor ou coordenador de coleções editoriais, entre elas, a “Princípios e Fundamentos” (Editora Ática), “Literatura Comentada” (Editora Abril), “Ponto Futuro” e “Livre Pensar” (Editora SENAC-SP). Suas pesquisas, desde o Mestrado, na Universidade de São Paulo, situam-se no campo da Literatura Comparada, atuando no âmbito das literaturas de língua portuguesa. Foi um dos introdutores dos estudos das Literaturas Africanas no país. Ex-vice-diretor da Comissão de Cooperação Internacional e chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, é o primeiro presidente da AFROLIC – Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos. Publicou cerca de quarenta títulos de livros (livros de autoria individual, organização de coletâneas críticas e antologias), entre eles *A escrita neo-realista* (1981); *História social da literatura portuguesa* (1984); *Tempos da Literatura Brasileira* (1985); *Literatura, história e política* (1989); *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural* (2002); *De vãos e ilhas: literatura e comunitarismos* (2003); *Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas, Portugal* (2007); *Literatura comparada e relações comunitárias, hoje* (2012). Entre as coletâneas que organizou ou co-organizou, podem ser mencionadas *Ecoss do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas* (2000); *Personae: grandes personagens da literatura brasileira* (2001); *Incertas relações: Brasil e Portugal no século XX* (2003); *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas* (2004); *Portos flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos* (2004); *Moderno de nascença: figurações críticas do Brasil* (2006); *Estudos comparados: teoria, crítica e metodologia* (2014); e *Literatura e memória política* (2014), *Um mundo coberto de jovens* (2016), *Graciliano Ramos: muros sociais e aberturas artísticas* (2017).

GUIA M. BONI

Ensina Língua e tradução portuguesa na Universidade de Nápoles “L’Orientale”. Tradutora de obras portuguesas (Garrett, Fernando Pessoa, Dinis Machado, António Osório) e brasileiras (Machado de Assis, Clarice Lispector, Moacyr Scliar), antigas (o Fidalgo de Chaves, Fernão Mendes Pinto) e modernas. Dedicou vários ensaios aos poetas que traduzem os poetas (Ungaretti tradutor de Vinícius de Moraes; Jorge de Sena tradutor de Giovanni Pascoli, Ada Negri, Elena Bono, Rimbaud; Bocage tradutor de Torquato Tasso) e à tradução de prosas realizada por escritores (Ferreira de Castro traduzido por Blaise Cendrars) e não (Francisco de Herrera Maldonado e Vincenzo Formaleoni tradutores de Fernão Mendes Pinto e as traduções italiana e francesa de *Gabriela cravo e canela de Jorge Amado*).

MARIA APARECIDA FONTES

Professora pesquisadora do Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari (DISLL), da Università Degli Studi di Padova. Pós-Doutorado em Studi Linguistici Culturali Comparati pela Università Ca’Foscari, Veneza. Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em co-tutela com a Università degli Studi di Roma “La Sapienza”. Mestrado em Letras também pela UFRJ. Graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Na Itália, foi professora na Università di Verona e na Università di Bologna. Na América Latina, foi professora na Universidad Católica de Chile, onde ministrou cursos de Literatura Brasileira no Mestrado e Doutorado. Em 2011, voltou à Universidade chilena como professora visitante, com bolsa do governo chileno/Conicity. No Brasil, foi professora na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É Membro da “Associazione italiana di studi portoghesi e brasiliani” (AISPEB) e de vários grupos de Pesquisa no Brasil, registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Coordenadora do Grupo de Pesquisa GT 19 do Centro Internacional e Interdisciplinar de Estudos Épicos, da Universidade Federal de Sergipe. Diretora da Coleção LusoAfroBrasileira (LABRA), Editora Aracne, de Roma, e *Advisory Board* de diversas Revistas Científicas na área de Letras. Desenvolve pesquisa em Literatura Brasileira e Portuguesa, com ênfase nos seguintes temas:

Vanguardas, Poesia Experimental, Estudos de Gênero, Textualidades híbridas, Imigração, Mito, Memória e Identidade Nacional, relações entre Artes e Literatura. Publicou recentemente os livros *A beleza é voz de Estado. Futurismo: Mito, arte, política e poética na construção da identidade nacional* (2015) e *Lei. Studio sulle scrittrici brasiliane contemporanee* (2018) além de artigos em diversos periódicos da área.

BARBARA GORI

Barbara Gori é Professora Associada no Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari (DisLL) da Universidade de Pádua (Itália), onde leciona Literatura Portuguesa e Brasileira. Tem a seu cargo ensaios e livros sobre literatura portuguesa, em particular sobre o Modernismo e a figura de Mário de Sá-Carneiro, do qual traduziu para o italiano, pela primeira vez, toda a obra em prosa (*Tutta la prosa. Principio, La confessione di Lúcio, Cielo in fuoco e altri scritti*, Padova: CLEUP, 2013) e de Ângelo de Lima, do qual traduziu toda a produção poética conhecida (*Poesie*, Perugia: Urogallo, 2015) e outros ensaios sobre a mesma época literária e sobre a Geração de '70 e a figura do poeta e filósofo Antero de Quental. Deste, estudou e analisou a poética e o estilo e traduziu a maior parte dos sonetos (*Antero de Quental e le memorie di una coscienza – poetica e stile dei Sonetos Completos*, Genova: Liberodiscrivere, 2009). Em 2015, publicou uma monografia de crítica e tradução das obras poéticas presentes nos dois números da revista “Orpheu” (*Una letteratura da manicomio. “Orpheu nelle riviste e nei giornali portoghesi del 1915*, Perugia: Urogallo, 2015). Recentemente, publicou um estudo crítico sobre a produção em prosa de Mário de Sá-Carneiro (*Mário de Sá-Carneiro e l'impossibilità di rinunciare*, Milano: Mimesis, 2019).

LILIAN JACOTO

Graduação (1988), Mestrado (1996) e Doutorado (2002) em Letras pela Universidade de São Paulo, onde leciona, desde 1998, nos níveis de Graduação e Pós, na área de Literatura Portuguesa. Pós-Doutorado em Estudos Românicos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2016) – bolsista FAPESP – sobre a literatura de Gonçalo M. Tavares.

Pesquisa voltada para a Literatura Portuguesa moderna e contemporânea e suas relações com a Ética. Coordenadora do Laboratório de Estudos de Literatura e Ética na Modernidade (LEPEM), na Universidade de São Paulo. Colaboradora do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa) e líder do grupo de pesquisa NELLPE (Núcleo de Estudos de Literaturas de Língua Portuguesa e Ética), através do qual desenvolve e orienta projetos de investigação em torno de autores que rasuram o conceito de autoria, como Fernando Pessoa, Herberto Helder e Gonçalo M. Tavares.

LUIS MAFFEI

É professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e Bolsista de Produtividade do CNPq. Foi, entre 2015 e 2018, Pesquisador Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ). É autor dos livros de poemas *A* (Oficina Raquel, 2006), *Telefunken* (OR, 2008 – edição portuguesa, Deriva, 2009), *38 círculos* (OR, 2010), *Pulsatilla* (OR, 2011), *Signos de Camões* (2013, Portugal, Companhia das Ilhas, e Brasil, OR), *40* (OR, 2015), *Vista de Olímpia* (7Letras, coleção Megamini, 2016) e *Via* (2019, Lisboa, Coisas de Ler). Pelo conjunto da obra, foi um dos contemplados com o prêmio Icatu de Artes – Literatura, em 2013. No ensaio, escreveu os volumes *Do mundo de Herberto Helder* (Oficina Raquel, 2017), *Despejo quieto – ensaios sobre poesia portuguesa* (Editora da UFF, 2015), *Manuel de Freitas por Luis Maffei*, da coleção Ciranda da Poesia (Ed. da UERJ, 2014) e, com Pedro Eiras, *A vida repercutida – uma leitura da poesia de Gastão Cruz* (Esfera do Caos, 2012), editado em Portugal – é também autor do prefácio à poesia reunida de Gastão Cruz, *Os poemas* (Assírio & Alvim, 2009). Organizou, com Raquel Menezes, edição dos *Poemas eróticos* de Maria Teresa Horta (Oficina Raquel, 2018). No ensaio, organizou, com Lilian Jacoto, *Soldado aos laços das constelações – Herberto Helder* (Lumme, 2011); com Ida Alves, *Poetas que interessam mais – leituras da poesia portuguesa pós-Pessoa* (Azougue, 2011), e, com Jorge Fernandes da Silveira, *Poesia 61 Hoje* (OR, 2011). Como contista, escreveu *Contos da Colina – 11 ídolos do Vasco e sua imensa torcida bem feliz* (OR, 2012), em parceria com Nei Lopes e Mauricio Murad, e organizou, participando também com um conto, *Extratextos 1 – Clarice Lispector, personagens reescritos* (OR, 2012), com Mayara R. Guimarães.

FABÍOLA PADILHA

Possui graduação em Letras e em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo, onde também fez Mestrado em Letras: Estudos Literários. Fez Doutorado em Letras: Estudos Literários na Universidade Federal de Minas Gerais e Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo. É professora de Teoria da Literatura e de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Espírito Santo, onde ministra aulas na graduação e na pós-graduação. Atualmente, desenvolve pesquisa em Literatura Brasileira Contemporânea, com ênfase nas relações entre Literatura e História, dedicando-se, em especial, ao estudo de obras literárias cujas narrativas envolvem eventos históricos traumáticos, tais como a ditadura civil-militar brasileira e o Holocausto. Publicou os livros *A cidade tomada e a ficção em dobras na obra de Rubem Fonseca* e *Expedições, ficções: sob o signo da melancolia*, pela Editora Flor&Cultura, além de artigos em diversos periódicos da área.

MARIA DA GRAÇA GOMES DE PINA

Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Lisboa. Doutorada pela Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”. Atualmente, é colaboradora linguística na mesma Universidade, onde leciona a Língua Portuguesa. Ocupa-se principalmente de Língua e Literatura Portuguesas, de Literatura Africana de Expressão Portuguesa e de Filosofia Antiga. Tem a seu cargo artigos sobre Literatura portuguesa, artigos sobre Literatura e Língua Cabo-Verdianas, sobre autores africanos de Língua Portuguesa. Traduz livros e ensaios filosóficos sobretudo de Filosofia Antiga, e alguma poesia. O seu último livro é um estudo sobre Natália Correia. É sócia da AIL, da AISPI, da AI-P e da ASAI. É membro da Comissão Científica da Coleção LABra, pela casa editorial Aracne (Itália).

ISABEL PONCE DE LEÃO

Professora Catedrática da Universidade Fernando Pessoa no Porto. Membro integrado do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL – Universidade de Lisboa), sendo coordenadora do Polo do Porto. Membro da direção da Cooperativa Árvore e da Academia Lusófona Luís de Camões. Como docente e investigadora, tem colaborado com outras instituições de ensino superior, em Portugal, Brasil, e vários países europeus e africanos. Faz parte do conselho editorial e / ou científico de diversas revistas, jornais e outras publicações, e integra comissões científicas de colóquios, congressos e outros eventos, alguns dos quais promove, bem como júris de prémios literários aos níveis nacional e internacional. Ao momento, por convite nominal, é responsável pela área da Literatura do *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*, da Academia das Ciências de Lisboa, que se encontra em preparação. A sua atividade estende-se à comunidade civil, cooperando com diversas Câmaras Municipais, particularmente com a do Porto, onde é Deputada Municipal e Presidente da Comissão de Toponímia. As áreas de investigação privilegiadas são o Jornalismo Cultural e a Literatura Portuguesa Contemporânea, bem como as relações que esta estabelece com as outras Artes e as Ciências. Nas suas publicações, inscrevem-se cerca de 30 livros e mais de 250 artigos resultantes da investigação científica nas áreas acima referidas. Dedicava-se ainda à crítica de arte, colaborando com artistas plásticos.

ANNABELA RITA

Doutorada, com Agregação e dois pós-doutoramentos em Literatura, é Professora e Diretora de Licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Presidente/Academia Lusófona Luís de Camões|Instituto Fernando Pessoa | Assembleia Geral da CompaRes, Coordenadora/ CLEPUL, Directora/ Associação Portuguesa de Escritores | Observatório da Língua Portuguesa | Sociedade Histórica da Independência de Portugal, etc.. Com mais de uma dezena de distinções nacionais e internacionais. Obras principais: *Eça de Queirós Cronista* (1998; 2017); *Labirinto Sensível* (2003-04); *No Fundo dos Espelhos* (2 vols., 2003-2007;

reed. rev 1018); *Emergências Estéticas* (2006); *Itinerário* (2009); *Cartografias Literárias* (2010; 2012); *Paisagem & Figuras* (2011); *Focais Literárias* (2012); *Luz e Sombras no Cânone Literário* (2014); *Do que não existe. Repensando o Cânone Literário* (2018); *Novas Breves & Longas no País das Maravilhas* (2018); *Perfis & Molduras no Cânone Literário* (2018); *Sfumato. Figurações in hoc signo. Na senda da identidade nacional* (2019).

DIONÍSIO VILA MAIOR

Professor com Agregação na Universidade Aberta (Portugal). *Visiting-Professor* na Università degli Studi di Padova e na Universidade Marie Curie Sklodowska. Prémio “Attività di Internazionalizzazione della Didattica 2016-2017” (Università degli Studi di Padova). Coordenador de linhas de Investigação no Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), da Universidade de Lisboa. Professor Convidado na Université Paris-Sorbonne (Paris 4), Université Sorbonne Nouvelle (Paris 3), Universidade de São Paulo, Universidade de Santa Catarina, Universidade de Santiago de Compostela, Universidade Complutense de Madrid, Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”, Università degli Studi di Bari Aldo Moro, entre outras. Coordenador da Comissão Interinstitucional do Instituto Fernando Pessoa. Coordenador da Comissão Interinstitucional da Academia Lusófona Luís de Camões. Alguma produção: *Sob o Signo de Calíope – Sentidos Modernistas*, Roma, Aracne (2018). *100 Futurismo* (Coord. em colab.), Lx, Ed. Esgotadas (2018). *A revivência dos sentidos. Estudos de Literatura Portuguesa* [reed.], Linda-a-Velha, Editora Hespéria (2017). *100 Orpheu* (Coord. em colab.), Lx, Ed. Esgotadas (2016). *O Sujeito Modernista – Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e António Ferro: Crise e Superação do Sujeito*, Lx, Univ Aberta (2003). *Literatura em Discurso(s): Saramago, Pessoa, Cinema e Identidade*, Coimbra, Pé de Página Ed. (2ª ed.) (2001). *Fernando Pessoa: Heteronímia e Dialogismo*, Coimbra, Almedina (1994). *Introdução ao Modernismo*, Coimbra, Almedina (1994; 1996). Maestro do Coro Mozart.

PREFÁCIO

O ensino da Literatura Portuguesa (e, no fundo, de qualquer Literatura) obriga a uma forte orientação demarcada, na sua base, por um conjunto de considerações de ordem teórica, metodológica e epistemológica — considerações estas a que uma mais alargada visão histórico-literária, cultural e artística, uma consistente metalinguagem teórico-literária e uma fundamentada utilização de instrumentos operatórios não se podem naturalmente furtar. Com estas palavras, seria errado retirar a ilação que considerasse o ensino da Literatura como um conjunto obrigatório de linhas unidireccionais. Pelo contrário, o objetivo maior neste livro é outro: ajudar os leitores a irem ao encontro das oportunidades que a Literatura lhes oferece, no sentido conferido por Borges. São essas oportunidades que, quando propiciadas pela leitura do texto literário (suportando-se, portanto, esta em firme terreno metaliterário), ajudam a perceber a figuração, a *pre*figuração, a (re)configuração do leitor num contínuo acrescentamento de sentidos. Lembremo-nos do que, em *Presenças Reais*, diz George Steiner a propósito do texto poético; aí ensina que, quando «deparamos com o acto do poeta [...], quando esse acto entra nos recintos, espaciais e temporais, mentais e físicos, do nosso ser, traz consigo um apelo radical de mudança»; e acrescenta: «O despertar, o enriquecimento, a complexidade, o obscurecimento, a alteração da sensibilidade e da compreensão que se seguem à nossa experiência são prenúncios de acção»¹.

Ora, é nesse *acrescentamento* do leitor, é nesse *acrescentamento* dos sentimentos do leitor, das suas disposições de alma, dos seus afetos, que residirá, (também) em parte, o prazer pela leitura do texto literário. Trata-se de um prazer que decorre, acima de tudo, do contacto com uma *outra consciência*, sem descurar o respeito pela entidade multifária que é o texto literário; trata-se de um prazer que poderá significar, em primeira e última instâncias, a configuração polifónica dos sentidos desse texto, sem nunca esquecer o mais importante, quando se pratica a crítica literária: precisamente, esse mesmo texto literário.

1 STEINER, George (1993). *Presenças Reais. As Artes do Sentido*. Lisboa: Editorial Presença, p.132.

Por outro lado, de igual modo não pretendemos conduzir o nosso raciocínio à ilação segundo a qual a *leitura* do texto literário não possa assentar numa ampla plataforma epistemológica — que pode acarretar, não o negamos, extraordinária fecundidade e virtualidades significativas consideráveis. Não se pode negar o seguinte: quando se trata de ler, avaliar, aquilatar, sistematizar, o texto literário, é proficiente, é verdade, uma (comedida) interrelação de pressupostos metodológicos originários de matrizes epistemológicas diversas — sempre, contudo, com vista a uma unificação de perspectivas; sempre, contudo, com o olhar sobre o texto literário, assente numa rigorosa atitude crítica, colocando de lado equacionamentos de recorte idealista, impressionista e psicologista (quando, note-se, considerados sem objetividade e sem rigor crítico). É essa atitude crítica que, sem a insolvência do monologismo crítico a que uma clausura exclusivamente estrutural também poderia conduzir, este livro e esta subcoleção (“Figurações do Literário”) pretendem cimentar.

O presente livro, *Figurações do Literário I*, contou com a colaboração de diversos professores e investigadores universitários portugueses, brasileiros e italianos, que trabalham e investigam em reconhecidas Universidades, Centros de Investigação, Programas de Estudo, Grupos internacionais: Universidade Aberta, Universidade de Lisboa, Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal Fluminense, Universidade Fernando Pessoa, Università degli Studi di Napoli “L’Orientale” e Università degli Studi di Padova; Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) (da UL), Departamento de Humanidades (da UAb), Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (da USP), Laboratório de Estudos de Literatura e Ética na Modernidade (LEPEM) (da USP), Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana (da UFF) e Programa de Pós-Graduação em Letras (da UFES). Este grupo de professores e investigadores procura, assim, dar consistência aos objetivos acima referidos: Benjamin Abdala Júnior analisa perspectivas do realismo crítico, enfatizando como **Graciliano Ramos** constrói as suas narrativas e problematizando um repertório já visível em **Machado de Assis**; Guia Boni estuda a vitalidade de **Camilo Castelo Branco** enquanto tradutor, realçando o quanto ele procura garantir, nessa sua atividade, o prazer da leitura; Maria Aparecida Fontes estuda as figurações do espaço da cidade como eixo semântico dos relatos sobre a imigração italiana no Brasil, em particular os de **Zélia Gattai**; Barbara Gori centra-se na **Geração**

de Orpheu, levando a cabo uma leitura crítica sobre o, variável, recurso literário ao “azul” e, de uma forma mais geral, ao léxico cromático; Lilian Jacoto centraliza o seu estudo na poesia de **Herberto Helder** e, de um modo geral, na figuração suspensiva e reedificadora daquele poeta; Luis Maffei focaliza o seu trabalho nas poetisas **Madalena de Castro Campos** e **Cláudia Lucas Chéu**, enfatizando a sua crítica ao contemporâneo, tomando, para isso, o corpo como lugar veemente de questionamento e metamorfose; Fábíola Padilha centraliza o seu estudo no romance *A Resistência*, de **Julián Fuks**, procurando ler o modo como as indagações sobre a identidade se entrelaçam com as questões acerca da memória e do exílio; Maria Graça Gomes de Pina estuda **Natália Correia**, direcionando a sua visão crítica para a peça *O Encoberto*, e procurando refletir sobre a escolha de D. Sebastião como forma de “Desejar absurdamente o impossível”; Isabel Ponce de Leão, alicerçando-se na noção de “paratexto”, de Genette, incide sobre o aparato paratextual de alguma produção de **Miguel Torga**, nomeadamente *Bichos*, *O Senhor Ventura*, *Paraíso*, *Fogo Preso* e *Antologia Poética*; Annabela Rita estuda **Eça de Queirós**, procurando, por um lado, demonstrar de que modo a definição do programa da Geração de 70 promoveu uma orientação genológica da crónica na escrita de Eça de Queirós e, por outro, refletir sobre os reflexos da retórica dessa cronística na ficção queirosiana; Dionísio Vila Maior propõe-se refletir essencialmente sobre a problemática da subjetividade em **Mário de Sá-Carneiro**, no âmbito da sua produção literária e epistolográfica, subjetividade essa considerada enquanto realidade textual que convive *dialogicamente* com a estética simbolista e decadente, paúlica, sensacionista, interseccionista e futurista — procurando ter sempre em conta a conformidade à informação, objetiva, de critérios que ressumam da leitura, literária, da relação entre vida e obra, e a sistematização de matrizes operatórias que leiam, com a necessária objetividade crítica, aquele modernista.

Que os presentes contributos e colaborações motivem linhas de trabalho e de leitura, mas, sobretudo, que conduzam os leitores a, como acima escrevemos, irem ao encontro dos momentos de abertura que a Literatura a todos nos oferece, de acordo com o preceito de Jorge Luis Borges, quando repetidamente defendia que somos ricos “mais em perplexidades do que em certezas” e que a Literatura nos deve ajudar a fornecer “algumas certezas”.

“TRANSFIGURAÇÕES” DO LITERÁRIO: CAMILO INTÉRPRETE DA *HISTOIRE DE GABRIEL MALAGRIDA*

GUIA M. BONI

(UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI NAPOLI “L'ORIENTALE”)

PALAVRAS-CHAVE: Camilo Castelo Branco; Paul Mury; Gabriel Malagrida; Jesuítas; Tradução

RESUMO: Camilo Castelo Branco ao lado da sua carreira literária, empreendeu também a de tradutor, principalmente do francês. Em 1875 saiu a sua tradução de um texto de Paul Mury que, como apontado pelo Autor, pouco tinha de literário. Qual era portanto o interesse de Camilo? No assunto, ou seja a vida e a morte do jesuíta Gabriel Malagrida prejudicado por Sebastião José de Carvalho e Melo. A escolha de Camilo foi uma escolha militante, ele queria desvalorizar, em época de centenário, a figura do Marquês de Pombal. A partir dessas considerações, poderíamos pensar que a sua foi uma tradução sem escrúpulos, onde o escritor prestigiado se sobrepunha a um autor obscuro. Mas não, apesar do estilo descuidado do original, Camilo intervém de maneira extremamente singela e a tradução – que é transfiguração – resulta cuidadosa e apurada, limitando as próprias intervenções a garantir o imprescindível prazer da leitura.

Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo

Ludwig Wittgenstein, *Tratado lógico-filosófico*, 1921

A tradução é um exercício forçado, o tradutor trabalha em regime de semi-liberdade, enquanto um autor que verte uma obra tem mais autonomia, sendo o seu nome uma chancela de autoridade que pode, em teoria, dispensar a notória fidelidade. Em 1875, quando saiu a tradução da *Histoire de Gabriel Malagrida*¹, Camilo Castelo Branco era já autor aclamado.

1 *Histoire de Gabriel Malagrida de la Compagnie de Jésus. L'apôtre du Brésil au XVIII^e, étranglé et brûlé sur la place publique de Lisbonne le 21 septembre 1761*, par le P. Paul Mury de la même Compagnie, Paris, Charles Douniol-Libraire-Éditeur, 1865.

Depois de ter traduzido escritores prestigiados como Chateaubriand (*O génio do Cristianismo e Os mártires*) e Feuillet (*Romance dum rapaz pobre*), Camilo debruçou-se sobre a obra do jesuíta Paul Mury, que, em 1865, escrevera a defesa de Gabriele Malagrida, reconstituindo as etapas biográficas e baseando-se na “hagiografia” já realizada pelos irmãos da Companhia de Jesus. Como o autor português explicita no prefácio da sua tradução, o livro de Mury é “sem ambições de laureis litterarios, descultivado de flores de estylo. Narra simplesmente, sem ataviar as descrições, dignas aliás de penna mais acurada, e estudos mais largos dos paizes que Malagrida alumiou com a luz da sciencia abrilhantada por virtudes e alta piedade”². Desde logo sabemos que o que interessa Camilo não é o estilo, mas o enredo dramático que parece tirado de um dos seus romances: a parábola do jesuíta Malagrida (onde já no nome transparecem estigmas premonitórios), apóstolo do Brasil e de, regresso a Portugal, um dos homens mais influentes da corte. Foi, todavia, estorvado por Sebastião José de Carvalho, futuro Marquês de Pombal, que o precipitou na desgraça chegando a acusá-lo – ironia do destino – de heresia, sendo em seguida condenado à garrota e à fogueira no famoso auto-da-fé de 1761.

O nosso estudo pretende, em primeiro lugar, tentar perceber a razão pela qual Camilo escolheu a *Histoire de Gabriel Malagrida*, pois pelas próprias palavras não representava um desafio estilístico; em segundo lugar, analisar as estratégias adotadas para apresentar a obra a um público português. Ficou o tradutor “trancado” no texto como numa prisão ou conseguiu encontrar estratagemas para evadir de um estilo demasiado “descultivado”, transfigurando-o?

A OBRA

Em 1865, o padre jesuíta francês Paul Mury escreveu uma biografia do irmão Gabriele Malagrida. Reconstituiu as etapas da sua vida, partindo do nascimento em Itália até à transferência para o Brasil, onde Malagrida se distinguiu pela capacidade empática para com as diferentes tribos, desafiando todos os perigos e armadilhas daquelas terras inóspitas e

2 *Historia de Gabriel Malagrida da Companhia de Jesus. Apostolo do Brazil no século XVIII estrangulado e queimado no Largo do Rocio de Lisboa aos 21 de Setembro de 1761*, Auctor Padre Paulo Mury da mesma Companhia, trasladado a portuguez e prefaciado por Camillo Castelo Branco, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & C.^a, 1875, p. V.

bárbaras. Vocacionado desde a infância, o seu ingresso na Companhia de Jesus representa o desfecho natural de um desígnio quase divino.

O volume é dividido em 23 capítulos que seguem cronologicamente a vida de Gabriele Malagrida, desde a sua infância, na Itália, até à sua morte, em Lisboa. O nascimento em Menaggio, Lombardia, a entrada na Companhia de Jesus (I e II), os estudos e a primeira estadia no Brasil que dura 28 anos, de 1721 até 1749 (cap. III-XIII), a volta para a Europa, permanecendo em Lisboa de 1549 até 1551 (cap. XV), o regresso pela última vez à América, entre 1551 e 1554 (XVI), regressando definitivamente a Portugal, onde se esboçam desde já as nuvens que irão perturbar o seu horizonte, nomeadamente a inveja do primeiro-ministro pela estima e confiança que o padre ganhara na corte portuguesa, e não só.

Os acontecimentos precipitar-se-ão com o terremoto de Lisboa de 1755 (XVII) e com o atentado ao rei D. José I em 1758. Malagrida será preso, processado e executado (XX-XXII). O último capítulo (XXIII) é destinado ao epítio inglorioso dos perseguidores de Malagrida.

A obra francesa é precedida por um pequeno texto, escrito em Amiens, a 21 de setembro de 1864, onde o autor resume, em pouco menos de três páginas, as aventuras e desventuras do protagonista Gabriele Malagrida para reabilitar a sua memória. Dá conta também dos volumes sobre os quais se baseou para redigir a sua biografia: um manuscrito em latim, composto pelo padre Matias Rodrigues (citado também na página 14), companheiro e testemunha durante o primeiro período passado no Brasil; trechos dispersos tirados do *Diário Litterario* de Christovão de Murr e, por último, a obra italiana da autoria de Giulio Cesare Cordara, s. J. *Il buon raziocinio, o siano saggi critico-apologetico sul famoso processo e tragico fine del fu padre Gabriel Malagrida* de 1782, e a dissertação latina *De tribus in Lusitanos Jesu socios publicis judiciis*.

Mais que uma biografia, trata-se de uma hagiografia, uma vida de santo, apesar de a Igreja católica nunca ter reconhecido como tal Gabriele Malagrida. Mury, após a extinção da Companhia em 1773 pelo papa Clemente XIV – antecipada em Portugal com a expulsão realizada por Sebastião de Carvalho, em 1759 – e a sua reabilitação em 1814, 41 anos depois, sente a necessidade de ilibar uma figura controversa que levantara polémicas e questões na Europa inteira, com nomes de calibre, como Voltaire, Rousseau e Kant. A sua morte num auto-da-fé pareceu, às mentalidades iluminadas da época, tão obscurantista como o panfleto

redigido por Malagrida que negava as causas naturais do terremoto, reivindicando a providência divina.

Foi provavelmente essa vida cheia de controvérsias, que parece tirada de um romance, e o ódio pessoal³ ao Marquês de Pombal, que levou o português a traduzir o volume de Mury. Além disso, vários especialistas da obra de Camilo sublinharam que o afeto à Companhia de Jesus foi um sentimento inalterável na sua vida que, pelo contrário, sempre se distinguiu por instabilidade de juízos e contradições⁴.

Não tendo o texto de Mury nenhuma particular atrativa do ponto de vista estilístico, podemos imaginar que Camilo ficou fascinado pelo conteúdo.

UMA ESCOLHA MILITANTE

A história de Gabriele Malagrida, contada pelo jesuíta francês, tem, como já anunciado, uma série de elementos afins à poética do autor português: pormenores biográficos que se cruzam com dados históricos e lendas; uma configuração maniqueísta das personagens: heróis bons (os jesuítas em geral e Malagrida em particular) contrapostos a antagonistas maus (“o pérfido” Marquês de Pombal ou o seu irmão “mais implacável inimigo”); a infâmia dos que o traíram (no prefácio são apresentados os dois documentos que apoiaram a edição do famoso panfleto da autoria do desembargador Amaro Duarte da Silva e do padre Manuel Monteiro da Congregação do Oratório); a abnegação do herói e as peripécias enfrentadas. Todos elementos romanescos pelos quais Camilo sentia um certo pendor. Vice-versa, a personagem de Malagrida, assim como retratada por Mury, tinha umas facetas – os milagres, a autoflagelação... – que colidiam com o espírito brilhante e mordaz de Camilo, sobretudo num relato que se dizia histórico. Com efeito, encontramos juízos acirrados, contemporâneos ou posteriores, sobre Gabriel Malagrida.

Já no exemplar francês, possuído pelo tradutor, entre as várias anotações manuscritas, a primeira encontra-se no verso da capa: “O P^e Malagrida era um desvairado pelo zelo da Fé. Insandeceu nas masmorras; mas deante da morte recobrou a energia do martyr. Morreu innocente, e apodreceu e

3 “O meu ódio, grande, entranhado e único na minha vida, ao Marquês de Pombal, não procede do affecto ao padre nem do desagravo da religião: é por amor ao homem” (CASTELO BRANCO, C., 1875). Cito do artigo de SIMÕES, M., 1993: 312.

4 Cf. CABRAL, A., 1989: 487; CABRAL, A., 1982; SIMÕES, M., 1993: 299-317.

desfez-se como o perseguidor. A única intervenção do Invisível na morte dos dois é a Lei da Podridão” (FIRMINO, J. F., 2013: 8).

Na descrição do Padre Malagrida presente no seu *Perfil do Marquês de Pombal*, Camilo escrevia: “Do cárcere da Junqueira foi mudado Malagrida para o Santo Ofício. Dois anos de prisão dura deviam amolecer aquêlo cérebro que desde muito povoavam quimeras, presságios, tentações, e o tenebroso esvoaçar de agouros sinistros que lhe iam apagando a luz da razão. Na escuridade fria das masmorras recrudesceram os delírios e as visões. Tinha 72 anos o desgraçado” e mais além “A insânia do padre Malagrida formou-se talvez nos trabalhos excessivos do apostolado na América, no fanatismo dos jejuns e nas vigílias e orações mentais. Teve sempre a mania de profetizar”⁵.

Camilo, desde a primeira leitura, levantou dúvidas sobre a integridade mental do Apóstolo do Brasil, “desvairado pelo zelo da Fé”. Não tinha em alta opinião Malagrida nem o texto de Mury, excessivamente desleixado, e o conteúdo hagiográfico tampouco convinha à sua opinião pessoal.

Contudo, a tradução da obra de Mury cabia num projeto mais amplo, acabar com uma outra hagiografia em curso: a de Sebastião José de Carvalho (1699-1782) no primeiro centenário da sua morte. Projeto levado plenamente a termo com a publicação do *Perfil* (1882), escrito em apenas vinte dias⁶, uma verdadeira anticelebração em que Camilo, voz solitária⁷, estigmatizou as iniquidades do estadista, num volume onde a impertinência se somava à derisão com capítulos do tipo: “O Marquês de Pombal ridículo” (pp. 199-210), “Última façanha” (239-242) ou “O Marquês de Pombal, réu confesso” (243-261).

A tradução da *Histoire* foi provavelmente uma manobra de aproximação àquele período, ainda controverso. Neste sentido, Camilo demonstra um verdadeiro cariz histórico, editando o texto completo – na altura raríssimo, tendo sido a maioria dos exemplares queimada “pelo algoz” (MURY, P., 1875: IX) – do *Juízo da verdadeira causa do terremoto que padeceu a corte*

5 CASTELO BRANCO, C., 1943: 187 e 188, respetivamente (1ª ed. 1882).

6 “A tarefa de escrever o *Perfil do Marquês de Pombal* em 20 dias deixou-me o cérebro em lama. Vou ver se os ares de Braga e a ausência de livros me restauram”, carta a Joaquim de Araújo, in CABRAL, A., 1989: 487.

7 “Este livro não pode agradar a ninguém. Nem aos absolutistas, nem aos republicanos, nem aos temperados. Chamo ‘temperados’ aos que se atemperam às circunstâncias do tempo e do meio”, Proêmio de CASTELO BRANCO, C., 1943: VII.

de Lisboa no primeiro de Novembro de 1755 pelo Padre Gabriel Malagrida da Companhia de Jesus, missionario apostolico e outros documentos da época.

Como já apontado, nesta obra o que interessava a Camilo não era o estilo, como se evidencia se compararmos o mesmo episódio narrado por Mury e depois reelaborado pelo autor português no seu *Perfil*, onde é patente a perícia do português por meio da sua síntese e dos seus diálogos ajustados, enquanto que a prosa do francês, mesmo na tradução portuguesa, nos aparece pouco fluida e clara. Fazemos uma rápida comparação.

O padre Malagrida, desterrado em Setúbal, é convocado pelo patriarca de Lisboa, que o remete, sem lhe dar audiência, ao ministro.

Eis o texto publicado em 1875, onde o tradutor, fiel ao original, permanece enclausurado entre as grades do texto:

O conde, assim que o viu, caminhou para elle com um papel na mão, e disse-lhe: “Esta carta foi achada na sua banca; foi o padre que a escreveu? – Sim – respondeu Malagrida, lançando-lhe um rapido olhar. – N’esse caso, voltou o ministro, estava o padre sabedor de que se tramava contra os dias do nosso augusto soberano? – Com effeito, replicou Malagrida serenamente – uma voz interior me tinha dito que o rei correria perigo em epocha desconhecida para mim. Entendi ser meu dever prevenir sua magestade. Eis-aqui por que eu escrevi essa carta, que conservei entre outros papeis, esperando occasião propicia de a fazer entregar ao rei. – Mas, retrucou Pombal, por que a não fez chegar a sua magestade por intermedio de algum secretario de estado?

– Porque queria, respondeu o padre, que lhe fosse realmente entregue.

A esta resposta, em extremo ousada, ergueu-se o ministro, exclamando: “Ousa assim fallar-me? D’onde lhe vem tanta audacia?” Malagrida respondeu socegradamente:

– Que importa ao que nós dizemos que V. Ex.^a se levante? (MURY, P., 1875: 162)

Pelo contrário, o episódio tirado do *Perfil*, mais livre, ao mesmo tempo dinâmico e destilado, dando relevo ao diálogo e eliminando descrições prosaicas e redundantes, resulta muito mais persuasivo. A veia romanesca de Camilo liberta-se também, graças ao uso do indicativo presente, tempo comentativo que cria tensão entre o narrador e o leitor, o qual se sente implicado em primeira pessoa (WEINRICH, H., 2004: 43-79)⁸:

8 Ed. or. alemã: *Tempus. Besprochene und erzählte Welt*, Stuttgart, 1964.

Sebastião José de Carvalho mostra-lhe um papel, e pergunta-lhe se é sua aquela carta encontrada entre os seus escritos.

O jesuíta responde que sim.

– Se sabia que se tramava contra a vida de el-rei? – pergunta o ministro.

O interrogado diz que uma voz íntima lhe dissera que a vida do rei corria perigo; que escrevera aquela carta para o precaver; e que tencionava mandar-lha oportunamente.

– Porque lha não mandou por um dos seus secretários de estado? – replica o ministro.

– Porque desejava que ela lhe fôsse entregue indubitavelmente.

– Atreve-se a falar-me assim? – volve Sebastião de Carvalho, erguendo-se iracundo. – E o padre muito tranquilo:

– Para o que estamos dizendo não faz ao caso que vossa excelência se levante (CASTELO BRANCO, C., 1943: 186).

O alvo é sem dúvida o Marquês de Pombal; mas, ao mesmo tempo, a questão jesuítica continuava sendo atual na época de Camilo. Basta pensar que o restabelecimento da Companhia, com a bula do papa Pio VII, é de 1814, ainda que tenha encontrado resistências na corte portuguesa, naquela altura no Brasil. Foi D. Miguel a tentar a restauração, acolhendo em 1829 oito jesuítas franceses, proibidos de ensinar no seu país, entregando-lhes o colégio das Artes em Coimbra. A chegada dos liberais, porém, decretou uma nova expulsão. Só em 1858, o padre português Carlos João Rademaker, que entrara na Companhia na Itália, de regresso ao seu país natal, conseguiu abrir o primeiro colégio em Campolide (GONÇALVES, N. S., 2014).

Por um lado, a defesa da Companhia de Jesus, ainda vacilante, e, por outro, o ódio ao Marquês, enquanto representante de uma política iníqua e contraditória, que identificava, paradoxalmente, no déspota a vinda da democracia – “Vão lá dizer a um concierge que o cardeal de Richelieu iniciou a liberdade da França” (CASTELO BRANCO, C., 1943: IX). Camilo acusava o estadista de impostura, visto que as suas pretensões supostamente iluminadas se tinham tornado obscurantistas e fanáticas, como demonstrou de maneira exemplar a morte de Malagrida garrotado e queimado no último auto-de-fé europeu: manifestação de teor mais medieval que iluminista.

Este longo preâmbulo serviu para desvendar as razões da tradução de um texto que, à primeira vista, nada tinha de particularmente atrativo para um escritor prestigiado como se tornara Camilo. Contudo, apesar das evidentes ingenuidades do original, o tradutor manuseou com cuidado “a exemplar sinceridade” do texto de Mury (MURY, P., 1875: V).

Limitar-nos-emos a simples anotações que revelam, apesar de tudo, uma diligência admirável, onde o escritor tenta aparar um texto francamente rústico na sua veracidade.

A PONTUAÇÃO

É sabido que a pontuação, apesar de ter regras conformes a cada língua, desenrola um papel fundamental na apresentação dum texto. Habitualmente, um tradutor, a par da sua função sintática e semântica, tenta, nos limites do possível, mantê-la enquanto chancela do autor.

Como era previsível, Mury usa a pontuação de maneira totalmente convencional, quase desconhecendo as funções por ela exercitadas. Por seu lado, Camilo, consciente da importância do aspeto tipográfico de um texto em prosa, onde começar ou eliminar um parágrafo significa destacar ou tirar relevo a uma afirmação, frequentemente intervém no texto.

Apresentamos apenas dois exemplos, mas há muitos deste tipo.

Começemos com o segundo em ordem cronológica, onde é ressaltada a arte do tradutor, que, baseando-se na pontuação, consegue dar mais *pathos* ao acontecimento. O trecho é tirado do capítulo sobre o terremoto e narra a ajuda prodigada por Gabriele Malagrida imediatamente após a calamidade, onde esta é integrada pela pregação:

[...] Jour et nuit, on le voyait au milieu des victimes du fléau, leur prodiguant ses soins et s'efforçant de ranimer dans leurs cœurs la confiance et l'espoir d'un prochain adoucissement à leurs maux. Profitant des dispositions dans lesquelles se trouvaient alors les âmes, il prêchait la pénitence au peuple: dans tous ses sermons, il proclamait hardiment que les fléaux qui désolaient le royaume étaient un châtement des scandales et des désordres publics. “Que de fois, s'écriait-il avec feu, que de fois...” (MURY, P., 1865: 211-212).

[...] Noite e dia, era visto entre as victimas do flagello, esmerando-se em lhes acudir e reanimar nos corações confiança e esperança no proximo alivio de suas penas.

Aproveitando as disposições em que as almas estavam, pregava a penitencia ao povo. Em todos os seus sermões pregava audazmente que os flagellos que assolavam o reino, eram castigo dos escandalos e desordens publicas. "Quantas vezes, exclamava ele com vehemência, quantas vezes..." (MURY, P., 1875: 148).

Mury utiliza um único parágrafo, juntando a descrição dos esforços feitos por Malagrida para consolar as vítimas e a pregação, explicitada entre aspas. Combinando, porém, os dois parágrafos, temos uma diluição do conteúdo, sobretudo das palavras pronunciadas pelo jesuíta, que perdem eficácia. O mesmo acontece com os dois pontos do original substituídos pelo ponto. A pausa do ponto salienta a pregação que se seguirá, enquanto os dois pontos, com a típica função explicativa que exercem, abrandam o conteúdo, tirando também um pouco de solenidade ao texto e à personagem hierática de Malagrida entre os escombros de Lisboa.

Um outro exemplo – mas o texto está cheio desta subversão usada para salientar alguns elementos e dar mais fôlego à prosa – é tirado do capítulo VI, intitulado "Malagrida entre os Barbados". Esfomeado por ter andado dois dias no mato sem comer nada, Malagrida encontra um Barbado que acabou de matar uma fera e pede-lhe um bocadinho da sua presa, mas como resposta o homem lança um pedaço de carne ao seu cão. Eis o diálogo que segue:

"Pourquoi donc, lui demande alors Malagrida, donnes-tu cet aliment à ton chien plutôt qu'à moi? – C'est que mon chien, reprend le sauvage, m'aide à la chasse, et toi, tu ne viens à moi que pour manger". C'est ainsi que ces barbares savaient apprécier le dévouement du saint missionnaire (MURY, P., 1865: 51).

"Por que dás tu ao teu cão essa carne e m'a não dás a mim?" perguntou Malagrida. – "É porque o meu cão – respondeu o barbaro – ajuda-me a caçar; e tu, se te chegas a mim, é para comer".

Dest'arte apreciavam aqueles barbaros a dedicação do santo missionario (MURY, P., 1875: 37).

Aqui a intervenção de Camilo torna-se mais incisiva porque a frase de Mury colocada no final de parágrafo é uma conclusão para salientar quão árduo era o trabalho de Gabriele Malagrida com indígenas que ignoravam a mensagem cristã da comunhão. Pelo contrário, a frase colocada sozinha no meio da página adquire – ao nosso olhar, habituado

aos *à parte* onde o escritor abre o diálogo com o leitor – quase valor irónico, uma ironia bondosa que não roça a derisão, mas que consegue de vez em quando amenizar um texto que parece ignorar o *docere delectando* horaciano.

Ao mesmo tempo, é manifesto o esforço realizado por Camilo para restabelecer um estilo coloquial com “m’a não dás a mim” ou substituindo o neutro “aliment” com “carne”.

AJUSTES HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

No âmbito da intertextualidade, elemento fundamental da tradução, o texto de Mury e a relativa tradução apresentam uma ineludível peculiaridade. Como escreve Lawrence Venuti: “En raison du processus de décontextualisation, les relations intertextuelles en particulier ne sauraient être simplement reproduites par la traduction la plus proche des mots et expressions qui instituent cette relation dans le texte étranger. Une telle traduction, aussi proche soit-elle, peut éventuellement établir une correspondance sémantique, mais ne pourra incorporer la signification culturelle particulière d’un intertexte étranger” (VENUTI, L., 2006).

No caso presente, temos o fenómeno inverso, Mury escreve em francês de um acontecimento relativo a uma personagem que passou a maior parte da sua existência no Brasil e em Portugal e, portanto, o tradutor sente-se autorizado a emendar sempre que necessário. Aqui reside a peculiaridade da tradução de Camilo que elimina interferências que na comunicação representam um sinal alheio, as quais poderiam estorvar a leitura de um público de língua portuguesa.

Desde o subtítulo, temos uma adaptação. Enquanto Mury escrevia: “L’apôtre du Brésil au XVIII^e, étranglé et brûlé sur la place publique de Lisbonne le 21 septembre 1761”, Camilo intervém, substituindo a genérica “place publique” com o notório “Largo do Rocio”, onde se realizavam as execuções públicas.

O exemplo mais recorrente é relativo ao Marquês de Pombal, que Mury chama sempre desta maneira ou simplesmente Pombal, já que Sebastião José de Carvalho e Melo se tornou marquês só a partir de 1769 aquando da criação do título por D. José I, Camilo, pelo contrário, substituiu o nome, restabelecendo a realidade histórica (p. 213: “les mesures iniques de Pombal”; p. 149: “iniquas providências de Sebastião de Carvalho”).

Outros exemplos são relativos à natureza: os "bois", 'bosques' ou "forêts", 'florestas' que aparecem ao longo do texto francês são amiúde traduzidos com "matagaes", ou seja, grandes extensões de mato alto, muito mais adequados à paisagem brasileira do Maranhão.

No que diz respeito à fauna, sempre no Maranhão, escreve Mury: "[...] on remarque une espèce de crocodile auquel les sauvages ont donné le nom de *jacaré* (jaguars)" (III, p. 20), que Camilo corrige, tirando a explicação errada entre parênteses.

No capítulo XIV, Malagrida sai de Pernambuco, dirige-se para São Luís e chega a Magu (MURY, P., 1875: 108) e não a Mayru (MURY, P., 1865: 153) como no original francês.

Ou, no capítulo XX, aquando do atentado a D. José I, o rei voltava da casa da jovem marquiza de Távora e não ia para lá – "se rendait chez" –, explicitando entre parênteses (D. Thereza) para a não confundir com D. Leonor.

LÍNGUA E PATHOS

No capítulo VIII, depois de ter obtido a permissão dos seus superiores, Gabriel Malagrida volta a viver entre os Barbados que pediram a paz e reclamaram missionários. Aventura-se no mato e os perigos multiplicam-se: para atravessar um lago, dois índios levam-no aos ombros, mas chegados a meio caminho chantageiam o padre: ou aumenta a quantia de dinheiro ou o deixam morrer afogado.

Force fut au pauvre missionnaire de céder à leur prétentions (MURY, P., 1865: 73).

Que remédio teria o pobre missionário senão ceder-lhes! (MURY, P., 1875: 52)

Enquanto Mury descreve a realidade seca: a obrigação de ceder ante as pretensões pecuniárias dos índios, se o padre não queria morrer afogado. A força da frase de Camilo realiza-se com aquele "remédio" que destila a aflição de Malagrida, forçado em poucos instantes a decidir entre render-se a um pedido iníquo ou ter a vida salva. De novo um sinal de pontuação, nomeadamente o ponto de exclamação inexistente no original, adiciona emoção ao episódio.

UMA LÍNGUA SUBTIL

Sempre no capítulo VIII, Malagrida encontra-se no Maranhão, junto à confluência entre os rios Pindaré e Mearim, e fica hospedado em casa do capitão Pinheiro de Meireles, o qual lhe oferece o próprio filho para o acompanhar na missão. O padre recusa por causa da idade da criança, ainda demasiado nova para suportar os perigos e o cansaço daquela viagem, mas é o menino a suplicá-lo. Então Malagrida cede e escreve Mury sem introduzir um novo parágrafo:

Malagrida s'avoua vaincu par tant de grandeur d'âme [...] (MURY, P., 1865: 69)

[§] Dobrou-se Malagrida a tal nobresa de alma [...] (MURY, P., 1875: 50)

A posposição do sujeito focaliza a atenção sobre o verbo. Enquanto no francês o verbo “vaincre”, ‘vencer’, presume uma luta, o verbo “dobrar-se” indica respeito e convida a ajoelhar-se à magnanimidade de um ser puro como uma criança.

UMA TRADUÇÃO CUIDADOSA

Gabriele Malagrida, no capítulo x, desejoso de voltar à pregação, pede a Roma a permissão e parte para a província do Maranhão, encaminhando-se depois para a Bahia. Na viagem encontra um grupo:

Le chef de la petite troupe conjure Malagrida, au nom de Jésus-Christ, d'avoir pitié des populations de la province de Bahia, et de venir leur rompre, à elles aussi, le pain de la parole de Dieu (MURY, P., 1865: 91).

O caudilho do pequeno rancho, conjura Malagrida, em nome de Jesus Cristo, a ter piedade dos povos da província da Bahia e a ir repartir com elles também o pão da palavra divina (MURY, P., 1875: 65).

Ao lado da evidente adomesticação da tradução: chef/caudilho; petite troupe/rancho mais apropriada à paisagem americana e adequada a um público português ou brasileiro, é patente uma incongruidade porque “rompre le pain” é uma locução bíblica, tirada entre outras dos *Atos dos Apóstolos*: “E perseveram na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações” (*Atos 2: 42*).

Poderíamos inferir que talvez Camilo não se tenha apercebido da citação. Mas na linha seguinte, encontramos a razão estilística que induziu o tradutor a escolher “repartir” e não “partir”, modificando a letra, mas não o espírito do texto bíblico: “Se o digno apóstolo escutasse somente os impulsos do seu coração, partira logo, correspondendo a tão honroso convite” (MURY, P., 1875: 65).

Para a coerência do texto e evitar a confusão com o verbo “partir”, ou seja “dividir” e “partir” “pôr-se a caminho”, o tradutor privilegiou alterar a locução bíblica em prol da compreensão.

E se quisermos falar, em termos de tradução de perda e compensação, com uma espécie de pirueta, Camilo consegue compensar o texto no parágrafo seguinte, recuperando uma aura bíblica, ao traduzir o neutro “travaux” com “atos”:

où il rendait compte exact de ses premiers travaux (MURY, P., 1865: 92)
na qual relacionava os seus primeiros actos (MURY, P., 1875: 65).

Camilo, obediente ao espírito e à letra, que não pretende reescrever o texto e se sujeita a mais-valia da “sinceridade” estilística de Mury, é consciente de que uma hagiografia destinada a um vasto público tem como elemento crucial a legibilidade.

As suas intervenções são sempre moduladas à compreensão do texto. Como no exemplo seguinte: ao contar um dos prodígios acontecidos na Bahia, Mury relata que Malagrida estava ajoelhado à sombra de uma árvore quando:

il voit venir à lui une troupe d’hommes, conduisant au milieu d’eux un énergumène dont ils ne pouvaient qu’avec peine réprimer la fureur. “Nous vous prions, dirent-ils au missionnaire en arrivant auprès de lui, délivrez ce malheureux...” Cependant le possédé, écumant de rage [...] (MURY, P., 1865: 95)
vê caminhando para elle um rancho de homens conduzindo um possesso cuja furia difficilmente reprimiam: “Vimos pedir-vos que livreis este desgraçado – disseram eles ao missionario”. E no entanto o energumeno, espumejando de raiva [...] (MURY, P., 1875: 68).

No original, o leitor não tem os elementos para uma compreensão imediata. O “possédé” colocado depois do discurso direto, atrapalha e

só continuando a leitura se percebe onde reside o prodígio de Malagrida: libertar o homem da presença diabólica. Sendo um escritor experiente, para Camilo é na coesão dinâmica duma frase que reside o fulcro da construção semântica e, portanto, antecipando “posseço”, coloca imediatamente a par do contexto o público.

Para concluir esta parte ligada à comparação do original e da tradução, ressalta – desde o aspeto gráfico, sendo o português sempre mais breve – a habilidade de Camilo em drenar, destilar o texto de partida, tirando todos aqueles entraves que o sobrepesam. As escolhas lexicais que na maioria dos casos podem ser interpretadas à luz do movimento romântico merecem um discurso à parte.

UMA TRADUÇÃO ROMÂNTICA

Os dois estudiosos que se debruçaram sobre Camilo Castelo Branco tradutor⁹ concordam em evidenciar nas suas traduções do francês para português, escolhas semânticas que tinham como comum denominador uma língua que evitava cuidadosamente os galicismos, ou seja, quando uma palavra portuguesa tem duas variantes, uma mais ligada ao francês e outra ao vernáculo, o autor português privilegia a segunda. O que não é de espantar porque é ressabido que uma das características do romantismo é a revalorização da língua nacional.

Sempre ao mesmo movimento podemos fazer remontar as escolhas semânticas ligadas a uma língua mais rebuscada e rica em vista de reanimar aqueles matizes apagados pelo tempo.

As referências no texto são inúmeras, limitar-nos-emos a uma breve lista (uma palavra ou locução por capítulo) a mero título exemplificativo que nem precisam de comentário pelo evidente esmero da língua adotada por Camilo Castelo Branco.

9 JOACHIN, M. H. P., 1971; TEYSSIER, P., 1994.

Cap.	p.	<i>Histoire</i> (MURY, P., 1865)	p.	<i>História</i> (MURY, P., 1875)
I	6	Si jeune encore, il nourrissait dans son cœur	4	Tão verde ainda, já entranhara na alma
II	11	s'abandonnant tout à fait à la sage direction des ses supérieurs	8	desvoluntariando-se ao sabor de seus superiores
III	22	travaux apostoliques	16	lide apostolica
IV	26	petit sac	19	alforge
V	31	à ses soins	23	ao seu disvelo
VI	51	dépeçant	37	espotejava
VII	64	allocution pathétique	46	maviosos discursos
VIII	70	brandir	50	floreando no ar
IX	85	baiser de paix	60	osculo de paz
X	93	terre nue	66	chão estreme
XI	110	aux portes du tombeau	79	cancêlos do sepulchro
XII	122	s'entendit avec ceux	86	conchavou-se com os que
XIII	145	tomber en enfer	102	se despenharia no inferno
XIV	152	pointes	107	puas
XV	169	recueillant	119	enceilerando
XVI	178	on aborda	125	abicaram
XVII	198	courtisans	139	aulicos
XVIII	211	pâles	148	lividos
XIX	220	j'écris ces lignes	154	lavro estas linhas
XX	227	cherchant en vain	159	farejava de balde
XXI	251	cheveux blancs	176	às cans
XXII	256	jusqu'au soir	179	até ao empardecer da tarde
XXIII	263	amas de corruption	184	esterquilinio

CONCLUSÃO

Estes fenômenos de intensificação semântica, de conotação criativa paralelamente a uma sintaxe mais elaborada e menos servil são imputáveis à competência camiliana afinada ao longo de anos com dezenas de livros. Mury escreveu uma partitura e Camilo interpretou-a. Ele não abdica da sua veia criadora, limita-se, todavia, a umas unidades mínimas que incidem na organização rítmico-melódica do texto, pondo-se como “penna mais acurada”.

Se voltarmos à questão inicial: Camilo consegue ou não fugir das grades da prisão? A resposta é afirmativa, ele utiliza – como é óbvio – a fuga. Mas uma fuga musical, fazendo recurso à polifonia, onde a sua voz se compõe à de Mury em busca de todas as possibilidades expressivas: pontuação, ritmo, subtileza e harmonia.

BIBLIOGRAFIA FINAL

BIBLIOGRAFIA ATIVA

- MURY, Paul (1865). *Histoire de Gabriel Malagrida de la Compagnie de Jésus. L'apôtre du Brésil au XVIIIe, étranglé et brûlé sur la place publique de Lisbonne le 21 septembre 1761* Paris: Charles Douniol-Libraire-Éditeur.
- MURY, Paulo (1875). *Historia de Gabriel Malagrida da Companhia de Jesus. Apostolo do Brazil no século XVIII estrangulado e queimado no Largo do Rocio de Lisboa aos 21 de Setembro de 1761*. trasladado a portuguez e prefaciado por Camillo Castelo Branco. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & C.^a.
- CASTELO BRANCO, Camilo (1875). *Curso de literatura portuguesa*. Lisboa: Editores de Mattos Moreira.
- CASTELO, BRANCO Camilo (1943) *Perfil do Marquez de Pombal (1882)*. Porto: Domingos Pereira Editor.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

- CABRAL, Alexandre (1982). *Polémicas de Camilo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CABRAL, Alexandre (1989). *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Caminho.
- FIRMINO, Jessica Fontes (2013). *A gênese de uma tradução de Camilo Castelo Branco: História de Gabriel Malagrida*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10451/10142>> [Acedido a] 15 de novembro de 2019.
- GONÇALVES, Nuno da Silva, SJ (2014). Portugal e a restauração da Companhia de Jesus. *Brotéria*, V.179 (5-6), pp. 319-338.
- JOACHIN, Maria Helena Paiva (1971). “Nota preliminar” a Camilo Castelo Branco. *O romance de um rapaz pobre*, pp. III-XLIV. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.
- SIMÕES, Manuel (1993). Camilo apologista dos Jesuítas. *Lusitânia Sacra*, 2^a série, N.5, pp. 299-317.
- TEYSSIER, Paul (1994). Camilo tradutor de Chateaubriand. *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos (679-695)*. Coimbra: Comissão Nacional das Comemorações Camilianas.
- VENUTI, Lawrence (2006) Traduction, intertextualité, interprétation. *Palimpsestes*. Revue de traduction, N. 18. Disponível em <<http://palimpsestes.revues.org/542>> [Acedido a 15 de novembro de 2019].
- WEINRICH, Harald (2004). *Tempus. Le funzioni dei tempi nel testo*, Bologna: il Mulino.

- 1 *A Representação do Espaço em Saramago – Da negatividade à utopia*
Horácio Ruivo | 2017
- 2 *Literatura & Sociedade na pluralidade lusófona*
Organização: Annabela Rita, Dirlenvalder Loyolla,
Fabio Mario da Silva e Cátia Canêdo | 2018
- 3 *No Fundo dos Espelhos – A Visita*
Annabela Rita | 2018
- 4 *Antero de Quental: um patriotismo prospectivo no porvir de Portugal*
Brasilino Godinho | 2018
- 5 *Perfis & Molduras no cânone literário*
Annabela Rita | 2019
- 6 *A Minha Outra Pátria é a Latina*
Fernando Cristóvão | 2019
- 7 *Sfumato. Figurações in hoc signo – Na senda da identidade nacional*
Annabela Rita | 2019
- 8 *Estudos Luso-Italianos – Literatura e Cultura*
Luísa Antunes Paolinelli | 2020

Qual o objetivo primordial deste livro, que, na editora Edições Esgotadas, inaugura a Subcoleção “Figurações Literárias”? Ajudar os leitores a irem ao encontro das oportunidades que a Literatura lhes oferece. São essas oportunidades que, quando propiciadas pela leitura do texto literário (suportando-se esta em firme terreno metaliterário), ajudam a perceber a *figuração*, a *prefiguração*, a *(re)configuração* do leitor num contínuo acrescentamento de sentidos. Procuraram-no diversamente os professores e investigadores que colaboraram neste livro, percorrendo criticamente GRACILIANO RAMOS, MACHADO DE ASSIS, CAMILO CASTELO BRANCO, ZÉLIA GATTAI, a GERAÇÃO DE ORPHEU, HERBERTO HELDER, MADALENA DE CASTRO CAMPOS, CLÁUDIA LUCAS CHÉU, JULIÁN FUKS, NATÁLIA CORREIA, MIGUEL TORGA, EÇA DE QUEIRÓS e MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO. Que os presentes contributos e colaborações motivem linhas de trabalho e de leitura, mas, sobretudo, que conduzam os leitores aos polifónicos momentos de abertura com que a Literatura a todos nos desafia, de acordo com o preceito de Jorge Luis Borges, quando repetidamente defendia que somos ricos “mais em perplexidades do que em certezas” e que a Literatura nos deve ajudar a fornecer “algumas certezas”.

Dionísio Vila Maior (Org.)

